

Abordagens educativas potencializando o desenvolvimento musical infantil.

Comunicação

Dárlem Brito Brandão
Universidade do Estado do Pará
darlembritto@gmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado da vivência docente na Associação de Educação Social Francisca do Rosário Carvalho/Projeto Esperança e Vida na Amazônia-FRARC/PEVA, onde a ação configura-se dentro do trabalho voluntário com uma turma de flauta doce, abrangendo a faixa etária de 07 a 10 anos. Tal instituição é constituída como Organização da Sociedade Civil (OSC), em que, por meio da educação social, contempla a música como uma das ferramentas para a transformação do meio sociocultural. Desta forma, tal relato tem por objetivo evidenciar as práticas pedagógicas em educação musical que se mediam no contexto de atuação da referida instituição. Os resultados alcançados apontam para a constatação de que a ludicidade dos instrumentos alternativos em educação musical contribui para que o fazer musical seja significativo aos educandos, potencializando, assim, o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Práticas musicais, formação social, desenvolvimento.

Educação Social e Musical como coadjuvantes na construção de práticas educativas em contexto não-formal de educação.

Este relato de experiência é fruto da vivência docente na Associação de Educação Social Francisca do Rosário Carvalho/Projeto Esperança e Vida na Amazônia - FRARC/PEVA - no município de Santarém-Pará.

As novas relações que se estabelecem dentro dos contextos sociais retratam a educação como um campo de múltiplas funções. Desta forma, a educação social emerge no contexto educacional como uma área de múltiplas relações, a qual exige transformação e incorporação de novas relações socioeducacionais. Machado (2012) refere-se à educação social como:

[...] a educação que tem por objetivo desenvolver a sociabilidade dos indivíduos; que tem como destinatário prioritário indivíduos ou grupos em situação de conflito social e, que se desenvolve em lugar ou em contextos por meio da educação não formal, semelhantes à educação em contextos educativos não escolares. (MACHADO, 2012, p.6).

A intervenção educativa num contexto de vulnerabilidade social está além do trabalho que a educação convencional fornece. Tais contextos de conflito social, nos quais estão inseridos, desperta iniciativas para abordagens múltiplas em educação. A carência em assistência educacional revela a necessidade de formação social do sujeito, que o torne apto a reconstruir-se diante das consequências deixadas pelas mazelas de conflitos sociais produzidas em um ambiente de contexto de vulnerabilidade. Porém, tal formação social, a escola não consegue ensinar em sua totalidade. Diante disso, abordagens educativas, de caráter construtivista, como as tomadas pelas Organizações da Sociedade Civil (OSC's), objetivam formar indivíduos críticos sociais, capazes de intervir nesse contexto, protagonizando-os como transformadores do seu meio social.

Dessa forma, com propostas de transformação social, cada vez mais projetos de educação não formal se unem aos ambientes formais de ensino no intuito de construir conhecimentos basilares aos educandos e promover a transformação em sociedade. Desta forma, a educação musical, a exemplo da educação social, apropria-se dessa proposta e se lança como ferramenta de transformação em diferentes contextos sociais.

Com objetivos que extrapolam o puro conteúdo musical, a educação musical também se lança no desafio da formação social das pessoas em contexto de vulnerabilidade, onde estas, em contato com as diversas abordagens educativas musicais, passam a construir uma relação afetiva com essa linguagem, afetividade esta que muitas vezes se inicia com a ludicidade como o ensino da música lhes é apresentada. Enquanto ludicidade, os jogos musicais configuram o cenário educativo musical como ferramenta pedagógica que, além de protagonizar a música e seus elementos, assegura a compreensão das regras sociais (JUNIOR, 2014), contribuindo, assim, para o equilíbrio da vida em sociedade.

Para Junior (2014), “o jogo deve visar o desenvolvimento da criança e a estruturação do conhecimento” (JUNIOR, 2014, p. 2). BRITO (2003, p. 31) afirma que “o fazer musical é um jogo sensorio motor, simbólico e com regras”. Desse modo, conhecemos a importância e relevância que esta abordagem educativa produz nos contextos não formais de educação.

A utilização da flauta doce, enquanto instrumento musical de contextos escolares e não-escolares, além de proporcionar momentos de ludicidade ao

aprendizado musical da criança, atua no desenvolvimento psicomotor. Por se tratar de um instrumento melódico, estimula a criatividade nos alunos e a capacidade de improvisação, além de proporcionar o contato com a leitura musical. Segundo Paoliello (2007):

Possibilita ainda a criação de conjuntos, ajudando a despertar e desenvolver a musicalidade infantil e o gosto pela música melhorando a capacidade de memorização e atenção e exercitando o físico, o racional e o emocional (PAOLIELLO, 2007, p.32).

Tais contribuições de iniciação musical por meio da flauta doce extrapolam o público infantil, podendo estender-se a jovens e adultos. A partir deste pressuposto, as atividades aqui descritas e que foram desenvolvidas na Associação de Educação Social Francisca do Rosário Carvalho/Projeto Esperança e Vida na Amazônia, tem como base o ensino da flauta doce em uma turma de crianças com faixa etária de 7 a 10 anos. Ressaltamos que este projeto, o foco do trabalho docente é o ensino da música por meio da educação social.

A relevância das abordagens musicais no ensino de flauta doce na FRAC/PEVA.

A discussão sobre aprender música é de caráter muito abrangente, vigorando-se ainda a ideia de que a aquisição desse conhecimento esteja estritamente ligada a tocar algum instrumento musical. Em decorrência desse pensamento, torna-se recorrente o interesse pelo aprendizado da música instrumental e, diante dessa procura, vê-se, por parte de órgãos públicos e privados, a necessidade de promover a essa clientela ofertas no ensino da música, com a aplicação de métodos e/ou abordagens pedagógico-musicais, tanto em ambientes escolares e não escolares.

Diante desse cenário, os projetos de educação social, partindo do princípio que rege suas ações de intervenção na realidade local e movidos pela sensibilidade de despertar a conscientização acerca das transformações possíveis que o sujeito pode desenvolver no seu meio social, acabam por inserir em suas atividades aulas de música, contemplando a educação musical como um dos eixos de suas ações. Assim sendo, a FRARC/PEVA se apropria dessa realidade e promove ao público o contato com a linguagem musical, promovendo-lhes formação social por meio do ensino e aprendizado de música.

Entendendo-se a linguagem musical como um espaço de afirmação da educação formal, não-formal e informal, o educador musical que trabalha no contexto da educação social deve estimular, por meio das abordagens educativas e musicais com os educandos, a reflexão sobre o conhecimento em música adquirido ou aprimorado dentro da Instituição. Diante dessa proposta, trabalhar a educação musical proporciona não somente o contato com tal linguagem como também o conhecimento da música de outros contextos históricos, bem como o aprendizado de instrumentos musicais que ultrapassam séculos, como a flauta doce.

Assim, como pensar um ensino e aprendizado de música que contemple musicalização e teoria musical que privilegie ambas as partes? Já é sabido que o estudo da flauta doce proporciona momentos de ludicidade ao aprendizado musical da criança, desenvolvimento psicomotor, evidenciando, portanto, a música como elemento formador do pensamento, assentando-a como ferramenta de desenvolvimentos inter-relacionais, emocionais e cognitivos, uma vez que o estudo de conteúdos musicais, como a própria notação musical convencional, firma o seu ensino aprendido como conhecimento racional.

As aulas de flauta doce na FRARC/PEVA buscam contemplar momentos de ludicidade e teoria. Apropriar-se da ludicidade durante a aula propicia aos educandos leveza, fantasia, expressão, reconhecimento do seu papel no meio social, valorização do outro, entre outros fins. Contudo, proporcionar ao educando o conhecimento da leitura e escrita musical também deve ser uma das propostas levadas pelo professor, visto que o contato com os códigos estabelecidos na pauta musical desperta o aluno para o novo conhecimento, uma linguagem de regras e signos, que necessita de entendimento recíproco para que o aluno possa decodificá-los.

Acerca da importância da leitura e decodificação musical,

A importância da notação pode ser vista não só na função da reprodução como também na de auxílio para um ouvir musical consciente, preocupado com os meios técnicos utilizados pelo compositor, a estrutura da obra, o acompanhamento consciente do movimento e as curvas de tensão. [...] Em outras palavras: a notação musical torna a música mais compreensível, ao apresentar o seu lado matemático, ajudando a perceber sua estrutura e organização (SOUZA, 1999, p. 212).

A partir dessas proposições, nota-se o estudo da leitura e escrita como indispensável no processo da formação musical e social do educando. Ainda sobre a relevância desse aprendizado, é pertinente evidenciar sua contribuição para a formação de outros âmbitos da vida humana, aperfeiçoando outras capacidades como o “desenvolvimento dos sistemas de orientação espacial, de ordenação sequencial e do pensamento superior” (ILARI, 2003, *apud* TORRE 2009, p.13), desenvolver melhor a audição, o pensamento abstrato e a conquista da independência musical do estudante (TORRE, 2009, p.14).

Diante disso, o meu trabalho com os acolhidos da FRARC/PEVA nas aulas de flauta doce, buscou proporcionar aos educandos uma vivência musical que contemple uma abordagem lúdica dos conteúdos musicais e o conhecimento em leitura escrita musical. As abordagens realizadas com as crianças fazem refletir acerca das contribuições do ensino da leitura e escrita musical convencional, aquela que acompanha gerações, e as vivências proporcionadas a partir das práticas experimentais propostas aos educandos.

O intuito foi contemplar o estudante de música com o ensino da leitura escrita musical e o coloca a par de um saber importante no aprendizado dessa linguagem. Considerando o papel de formação social que as OSC's exercem na comunidade, furtar o educando dessa vivência possibilitaria uma fragmentação no processo de formação musical que o mesmo vivencia no aprendizado de música num contexto de vulnerabilidade social. Entendendo o fazer musical humano como prática do conhecimento, me proponho a fomentar nos alunos de flauta doce a busca por esse saber, no qual ler música pode contribuir para o enriquecimento da bagagem cultural das crianças.

As atividades lúdicas, de cunho pedagógico, que objetivam a fixação de conteúdo teórico, a memorização dos signos musicais registrados na música pautada, a percepção de sons e ruídos que nos cercam, a compreensão do mecanismo do dedilhado da flauta doce, o reconhecimento da importância do estudo individual e coletivo, visualizar e apreciar obras musicais de outros tempos, reconhecer diferentes alturas e decifrar a origem sonora timbrística, despertam para a discussão sobre a relevância de tal abordagem no ensino aprendizagem de música em ambientes de educação não-formal.

Ressalta-se que nestes ambientes, a educação musical tem ganhado espaço e tem protagonizado as vivências, despertando para a reflexão a respeito das práticas educativo-musicais que se mediam em Instituições de Educação social, as quais contemplam a experiência musical como uma de suas práticas no processo de formação do sujeito enquanto ser social.

As atividades pedagógico-musicais desenvolvidas nas aulas de flauta doce.

As aulas de flauta doce desenvolvidas na FRARC/PEVA, divididas em duas turmas nos turnos matutino e vespertino, tem carga horária de duas horas e meia cada encontro. Compete dizer que cada turma possui o seu professor titular, ao qual o meu trabalho docente se restringe a turma da manhã dentro da referida instituição. Com isso, meu trabalho conta com a supervisão da coordenação pedagógica que solicita planejamento prévio por meio dos planos de ensino e aula.

Em diagnose da turma, no início das aulas notei que alguns dos acolhidos tocavam flauta doce, pois frequentaram aulas no ano anterior nas turmas de musicalização e flauta doce. Porém, percebi que estes mesmos educandos apresentavam muita dificuldade quanto a leitura gráfica da música. Já os demais acolhidos na turma, eram iniciantes no contato com o instrumento e com a música de maneira geral.

Nas primeiras aulas com a turma específica, fora apresentada a flauta doce em que pude trabalhar questões relacionadas à postura, articulação, modo de pegar e dedilhar, além de cuidados com esse instrumento musical. No início de cada aula, eram promovidas rodas de conversa, nas quais, eu¹, enquanto educadora, busquei fazer sondagem quanto aos estudos em casa e dúvidas sobre o aprendizado da flauta doce, obtendo uma resposta positiva, haja vista que observei que os mesmos estudavam em suas residências sempre que tinham alguma disponibilidade.

Para que os alunos começassem a aprender as posições das notas na flauta, iniciei com a digitação da mão direita, mas percebi que assim não iria funcionar. Então reiniciei os trabalhos a partir da mão esquerda, introduzindo aos poucos o uso da mão direita, e na medida em que iam aprendendo as posições, executavam

¹ Graduanda no curso Licenciatura Plena em Música, quinto semestre, na Universidade do Estado do Pará - campus XII

todos os exercícios estabelecidos para aquele dia, como: nota longa, mínima e semínima. O objetivo do trabalho não era somente fazê-los executar, mas entender os mecanismos que permitiam a realização do exercício.

A partir dessas experiências, surge a ideia de confeccionar algumas clavas com cabo de vassoura e ganzás de tampinhas de garrafas pet com pérolas, feijão e arroz em seu interior; objetos que produzissem algum ruído sonoro musical, para que os educandos antes de executarem o som na flauta, pudessem executar fora dela. Exercícios estes que trabalharam a concentração e atenção, pois além de tocar os instrumentos, tinham que obedecer a comandos como: executar a palavra “tu” ao mesmo tempo em que os instrumentos percussivos os acompanhavam. Isso me levou a compreender qual a importância dos instrumentos alternativos na musicalização por meio flauta doce.

Obedecendo as propostas do plano de aula, buscava-se conduzir as aulas com atividades diversificadas, objetivando sempre a compreensão dos conteúdos do dia. Quando foram iniciadas as aulas do ensino das figuras musicais e a disposição destas no pentagrama, com o propósito de trabalhar a altura e intensidade, fora proposta atividade do forte-fraco, na qual se escondia um objeto e alguém teria que encontrar, orientando-se apenas pelas palmas, associando as palmas altas e fortes e baixas e fracas com a altura das figuras, estabelecida pelo pentagrama.

Na tentativa de aprimorar a aprendizagem das figuras musicais no pentagrama e o nome das notas, esquivando-se sempre que necessário do ensino tradicional (haja vista que a dificuldade em aprender o nome das notas no pentagrama é muito difícil quando ensinada no modelo tradicional) - desenvolvi um conjunto de oito cartões contendo as oito notas de uma oitava, com as notas de Do a Dó, e ao término da aula expliquei que havia uma dinâmica e como ela funcionaria.

A dinâmica consistia em fixar no pentagrama do quadro pentagramado o cartão com a nota que eu pedisse. Se um colega errasse, outro tinha a oportunidade de corrigir e, assim, ajudar o próximo em sua dificuldade. A resposta foi satisfatória, pois a assimilação foi bem mais rápida do que o método convencional.

Também foram desenvolvidos com a turma trabalhos de: pintura com tinta guache da clave de sol; montagem do quadro de atividades de flauta doce com corte e colagem das figuras musicais; atividades de corte e colagem no caderno pentagramado; desenho da flauta doce e suas divisões, no caderno. Tudo com o propósito de fazê-los fixar conteúdo, de forma divertida e lúdica.

Passados dois meses em contato com a turma, compreendi que a dinâmica do desenvolvimento musical em ambientes de educação social não se dá somente pelo ensino tradicional, mas também por meio de práticas diferenciadas deste, práticas que proporcionaram aos alunos da flauta doce um aprendizado centrado na experimentação ao invés da exaustiva reprodução. Notei que cada vez mais eu precisava investir em práticas que valorizassem a efetividade musical daqueles alunos. Gainza (1988), em suas obras, reporta-se mais à formação do ser e não somente ao ensino musical. Ainda assim, ela valoriza o uso da linguagem musical de forma criativa, para que se faça acontecer o processo do desenvolvimento do ser.

Procurando despertar nos alunos o gosto pela musicalidade, comecei a introduzir novas experiências de ensino e aprendizado por meio de jogos musicais, de modo que estes viessem promover o desenvolvimento não somente musical, mas sensorial, cognitivo, racional, que levasse o aluno a ter um posicionamento participativo na condução da aula. Corroborando com isso, Gainza (1988, p. 95) afirma: “educar na música é crescer plenamente e com alegria. Desenvolver sem dar alegria não é suficiente. Dar alegria sem desenvolver tão pouco e educar”.

Desta forma, desenvolvi jogos de figuras musicais com cartões, de modo que os alunos viessem criar pequenas músicas a partir dessas figuras; Jogo da memória auditiva com tampinhas de garrafas pet, em que o aluno tinha que tentar descobrir o par sonoro e identificar a origem sonora daquele timbre sonoro; Jogo de percussão corporal, para o desenvolvimento de coordenação rítmica e noções de tempo e contratempo; Além de trabalhar composição com eles.

Nesta atividade, eles foram convidados a pensar numa figura musical e numa nota, e colocar a figura correspondente à nota no pentagrama do quadro, compasso por compasso, repassando-a depois ao caderno. Dessa forma, ao final de doze compassos, eles tinham produzido uma composição através do conhecimento adquirido e do trabalho em equipe.

E afim de instigar mais ainda o prazer pelo aprender brincando, propus a eles que confeccionássemos o jogo do boliche musical, no qual seria enfatizado a disposição das figuras musicais no pentagrama, trabalhando, assim, a altura, escala, e o nome das notas. Para tanto, os pedi a trazer de casa garrafas pet de dois litros, um litro, meio litro e menores ainda. Pedi que trouxessem também bagos de feijão, arroz, milho de pipoca, pedrinhas. Chegado o dia da aula, reuni todos e dei as instruções de como seria a construção do material.

Primeiramente lhes entreguei a imagem da partitura com a clave de sol e em cada imagem havia uma nota musical com a figura rítmica da semibreve. Quem terminasse primeiro ajudaria o colega a terminar o dele. Depois de pintado, iniciamos a confecção do boliche, sempre motivando a experimentação sonora produzida pela quantidade de material colocada dentro da garrafa. Depois de várias experimentações, chegaram à conclusão que quanto mais material há dentro da garrafa, mais grave o som fica, e quanto menos material, menos grave. Com os boliche confeccionados, brincamos.

As regras desse jogo eram que jogasse um de cada vez, se derrubasse o litro, dirigia-se ao quadro pentagramado e colocaria no pentagrama a nota correspondente à que estava no litro que derrubou, e em seguida dizer o nome da nota. A figura rítmica era o participante quem escolhia, de modo que teria que dizer qual o nome daquela figura escolhida. Se o participante errasse o nome da figura e o nome da nota, os demais teriam a oportunidade de ajudar o colega em sua dificuldade.

No final da aula, fazíamos sempre um feedback a respeito do que estudamos durante o jogo. Sempre que eu levava quaisquer jogos a eles, depois de dadas as instruções, sempre pediam que eu brincasse junto, evidenciando assim o que BRITO (2003) chama de construção de vínculos afetivos em sala de aula entre professor, aluno e conteúdo.

Diante do exposto e considerando a continuidade do trabalho com a turma, concluo que repensar as metodologias do ensino musical no contexto de projetos de educação social deve instigar a pesquisa nessas modalidades educacionais, uma vez que a produção musical que se propaga nesses meios promove a reflexão sobre as práticas educativas musicais que se estabelece em sociedade.

Considerações Finais

A educação social, que se dá prioritariamente em ambientes não-escolares, contribui para a formação humana. Assim, cria possibilidades para que os contextos sejam transformados a partir de tecnologias sociais inovadoras, criativas e correlacionadas às problemáticas apresentadas na sociedade. A partir das várias concepções adquiridas ao longo da pesquisa bibliográfica, compreendi que a educação musical é parte importante no processo do desenvolvimento de pessoas e faz-se indispensável no currículo de Projetos que trabalham a educação social, pois proporciona a jovens, adultos e crianças um contato diferenciado com a música.

As contribuições dos resultados me permitem compreender que há relevância no estudo da leitura e escrita musical para o enriquecimento cultural da criança, pois expô-la a esse conhecimento, por séculos intrínsecos à História da música, permiti-lhe a familiarização com a música de outros tempos, além de aprimorar a concentração e adquirir um enriquecimento linguística musical. Contudo, seria negligência não protagonizar o ensino de conteúdo musical de forma lúdica, uma vez que tal abordagem potencializa a vivência sob uma linguagem, a saber, a música, e contribui para a criatividade e desenvolvimento intelectual dos educandos, tornando o contato com essa linguagem divertida e prazerosa.

Tais resultados elucidam a importância dos instrumentos musicais alternativos no processo do desenvolvimento musical das crianças, permitindo ao docente e educandos experimentar novas propostas em vivência musical.

Assim, ao estabelecerem contato com a música, esses indivíduos desenvolvem habilidades diversas, que ressignificam os contextos onde estão inseridos e transformando-os à medida que se desenvolvem.

Referências:

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: Proposta para uma formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

GAINZA, Violeta Hamsy. *Estudos de Psicopedagogia musical*. Novas Buscas em Educação vol. 31, 3ªed. São Paulo. Súmula Editorial, 1988.

JUNIOR, Inaldo Mendes de Mattos. Jogos Musicais: Implicações e Incentivos Baseados em um Relato de Experiência. In: EDUCAÇÃO MUSICAL: FORMAÇÃO HUMANA, ÉTICA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, 12. Encontro regional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2014. São Luís: ABEM, 2014, p. 1 -5.

KEBACK, Patrícia Fernanda Carmem (org.). *Expressão Musical na Educação Infantil*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2013.

MACHADO, E. M. *Educação Social e relações com especificidades socioeducativas*. REVISTA DIÁLOGO, Brasília, v. 18, n.1, dez, 2012, p. 1-12.

PAOLIELLO, N. O. *A flauta doce e sua dupla função como instrumento artístico e como iniciação musical*. Monografia (Curso de Educação Plena em Educação Artística - Habilitação em Música) - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Jusamara. *Sobre as múltiplas formas de ler e escrever música*. 2ª Ed. Porto Alegre: ED. Da Universidade/ UFRGS, 1999.

TORRE, Ana Lia Della. *Iniciação à leitura e escrita musical na escola: uma perspectiva histórico cultural*. Campinas, SP. 2018.